

AUSTIN-SPARKS, Theodore. **Diversos livretos**. Mount Zion, 2000. Resumidos em dez/2002 por JLHack.

Alcançando os primeiros três

Livreto: Attaining unto the first three.

2Sm 23.8-12,19. Davi tinha um grupo de valentes. Estes eram classificados internamente, até chegar aos três primeiros. Por que temos este relato? Para nos ensinar que há categorias de grandeza espiritual: é possível estarmos no 1º, 2º ou 3º escalão. Paulo encoraja Timóteo a não ser servo de 2ª categoria, mas obreiro aprovado. Estar entre os 30 já é algo especial, mas é possível ser ainda mais. É o que Paulo expressa em Fp 3.13-14,7-8 – buscar a excelência em Cristo. “Para de algum modo alcançar” (Fp 3.11). Não tem a ver com a nossa salvação, é uma questão de alcançar uma posição de valor para o Senhor. O Senhor quer encontrar em nós a determinação de, pela sua graça, não aceitarmos menos que a plenitude do que Deus tem para nós.

Marcas da grandeza suprema:

a) percepção do completo pensamento de Deus. Os outros valentes também fizeram grandes coisas: um matou um leão numa caverna, outros derrotaram gigantes. Mas os três primeiros foram além disso: não no que fizeram, mas na sua capacidade de ver o mover de Deus antes dos outros, em perceber aquilo que Deus deseja, aquilo que ao ser estabelecido significará uma grande mudança para o povo de Deus. Eles viram que o que Deus tinha em mente era mais do que prevalecia na época.

b) senso de responsabilidade. Eles não precisaram ser encorajados, pois têm iniciativa própria. Eles viram o pensar de Deus e não o abandonarão, ainda que lutem sozinhos. Há aqueles que são da multidão e agem quando outros os suportam e encoram, mas poucos podem suportar a luta sozinhos – é isto que demonstra a sua grandeza. Paulo, no final, estava quase sozinho (2Tm 1.15; 4.11), mas não desistiu. A grandeza espiritual é o desejo de permanecer no que Deus revelou como a sua vontade, mesmo que tenha que lutar sozinho contra muitos.

c) estamina espiritual. Tinham perseverança em lutar até concluir a tarefa. v.10 = a mão se apegou à espada, isto é, a segurou tão firme e persistentemente que não podia largá-la quando queria. Sua espada era quase parte de sua mão. Eles viam a luta até seu final. Muitos começam com zelo, mas deixam inacabadas várias coisas. Há um ponto de tédio, ou onde o custo ou perigo aumenta, e aí o trabalho fica inconcluso. Perseverança é um teste de grandeza: o compromisso que temos é tão forte que não conseguimos deixar ir. É mais fácil cumprir tarefas de curto prazo, como matar um gigante. Mas é mais difícil se manter lutando hora após hora, levante após levante, até derrotar todos os filisteus (300!).

d) inclusão. Permanecer na plenitude de Cristo. Iremos alcançar os 1ºs ou ficaremos no 2º escalão?

Um caminho de fé. Aqueles homens perceberam que a Palavra de Deus se cumpriria em Davi, mas isto não se via concretamente. Era o tempo de Saul, e todo o povo estava com ele. Era arriscado ficar ao lado de Davi, mas os que o fizeram tiveram fé em que o propósito de Deus se cumpriria. Davi precisava de muitos homens deste tipo, e podemos dizer o mesmo do Senhor.

O remanescente e a coragem da fé

Livreto: The rest and the courage of faith.

A porta para o verdadeiro cristianismo é o descanso da fé (Mt 11.28; Hb 4.9). É algo para o presente, que o povo de Deus ainda não alcançou. É algo contínuo e dinâmico, que precisamos obter a todo tempo. Não podemos convidar os incrédulos para o descanso se nós mesmos ainda não o conhecemos. A questão do descanso começa na justificação pela fé. O inimigo está sempre tentando

minar nosso descanso no Senhor; a cada momento somos testados quanto a exercer fé no Senhor que nos traz descanso.

Os israelitas não puderam entrar no descanso por causa da incredulidade (Hb 3.19). A incredulidade os incapacitou por 38 anos. Foram provados muitas vezes no deserto para confiarem no Senhor, para que seu homem interior fosse transformado pelas circunstâncias físicas, saindo da posição de estar à mercê de sentimentos, pensamentos e vontades para a posição em que estamos saciados no espírito (Sl 78.37; Ef 3.16).

Apenas dois homens triunfaram sobre a prova de fé: Josué e Calebe (Js 14.6-14). Calebe ainda persiste vivendo pela fé, tal como quando espiou a terra. Os outros olharam para Deus através das circunstâncias; ele e Josué olharam para as circunstâncias através do seu Deus, e isto fez toda a diferença. Ele ainda persiste nesta visão, por isso pede as montanhas com gigantes. Que tipo de terra aguardamos? Fácil ou cheia de adversidades? Às vezes a montanha nos parece impossível; por nós mesmos sabemos que nada conseguiremos, mas com fé no Senhor podemos enfrentá-la, mesmo com uma idade avançada como Calebe. Calebe obteve Hebron, que significa comunhão. Ela é assegurada aos que enfrentam suas dificuldades na força do Senhor.

Mordomia

Livreto: Stewardship.

1Co 9.17; Tt 1.7-8; Cl 1.25; 1Tm 1.4. O mordomo é responsável pela reputação de seu mestre, na forma como usa seus recursos. Paulo diz que todos somos mordomos (1Co 4.1-2). Assim, temos dupla responsabilidade: para com Deus e para com os homens.

O tratamento de Deus conosco visa nos qualificar como seus mordomos. Mordomia requer experiência (treinamento prático extenso). Deus nos prepara por meio de experiências extraordinárias, que são peculiares ao seu povo. E isto não se deve apenas ao fato de termos um inimigo, pois é o Senhor quem permite que o inimigo aja.

Como Deus nos forma como mordomos?

a) no conhecimento experimental da necessidade. Um mordomo deve conhecer as necessidades do povo a quem serve, para saber aplicar os recursos conforme cada pessoa precisa. Para entendê-las, o Senhor nos faz atravessar situações semelhantes.

b) no conhecimento prático dos recursos divinos. Não é apenas o resultado de estudos, mas algo que virou vida. É preciso experimentá-los para poder geri-los. É mais do que ver o evangelho só como um sistema de doutrina. Mordomia implica que o evangelho se tornou parte do mordomo. Mordomos são os que passaram pelas trevas, descobriram tesouros e os possuem para repartir com outros.

c) na fidelidade. Estamos gerindo o que temos? Não passamos por provações só para nosso crescimento, mas para enriquecimento do povo de Deus e melhor qualificação na mordomia. Temos que passar adiante o que já recebemos do Senhor, observando a necessidade dos que estão ao nosso redor. É preciso sermos fiéis e perseverantes, mesmo na aparência de fracasso, pois o Senhor usará tal fidelidade para cumprir a sua vontade.

Nem o cheiro de fumaça

Dn 3.16-27; 1Pe 1.6-8. Quais são os resultados da tribulação?

a) destruição do inimigo. Eles não vacilaram frente ao perigo: não abdicariam do seu compromisso com o Altíssimo. Devemos ser sábios não buscando o fogo, mas quando ele vem não precisamos temer. O meio pelo qual o inimigo traz a provação será consumido.

b) perda das amarras. Para isso o fogo é ordenado por Deus para nos livrar das limitações das nossas circunstâncias e do nosso caráter.

c) comunhão íntima com o Senhor, que é alcançada só quando atravessamos o fogo.

d) suprema glória: sem cheiro de fogo, mas alegria indizível. Quando não consegue nos atingir com o fogo, o inimigo tenta deixar em nós as marcas da provação. Elas atraem a atenção dos outros para nós e não para o Senhor. Sair sem cheiro é sair com alegria indizível (1Pe 1.8), cheio da glória do Senhor. O inimigo se esforça para roubar nossa alegria. Mas a unção caminha junto com a alegria (Sl 45.7; Is 61). Quanto maior a tribulação, maior deve ser a nossa alegria pelo que ganhamos no fogo. Por maior que seja a fúria do inimigo, Deus transforma a situação problemática para que redunde em glória para ele.

O altar governa tudo

Ez 43.13-27. O altar no AT tipifica a cruz, local do holocausto (conforme Hb 10). A área deste novo templo é quadrada e o altar está bem no centro, o que difere de sua posição no tabernáculo. Aqui o altar governa toda a casa e seu ministério, governa tudo e todos.

a) o lugar da cruz: quando a cruz está em seu lugar em plenitude, tudo mais estará em ordem e receberá seu apropriado significado. Geralmente nos preocupamos com a ordem da Casa do Senhor, com o ministério, com as pessoas – isto são coisas externas. Embora não seja dito, conclui-se que o altar era de bronze, como os outros. O bronze tipifica os justos juízos de Deus. O altar foi medido pelo homem de bronze (Ez 40.3) e representa os pensamentos de Deus sobre juízo. Neste altar de holocausto, o homem natural é completamente removido, é reduzido a cinzas, consumido pelo fogo de Deus e jogado no chão. Apenas o Justo pode sobreviver ao altar: foi totalmente consumido como holocausto ao ter sido feito pecado por nós (Mt 27.46), mas por ser sem pecado (1Pe 2.22), a morte não o pôde deter (“teu santo não verá corrupção”). Tudo é julgado na cruz: é trazido ao fim o nosso homem natural. Podemos encontrar desordens na casa de Deus, mas precisam ser tratadas pelo princípio da cruz. Não devemos lidar com as pessoas ou coisas nelas mesmas, mas apenas trazer a cruz naquela situação e o problema será solucionado. Não começamos pelo externo, mas com a cruz, assim tudo o mais será ajeitado.

Romanos apresenta a mensagem da cruz em sua completa medida. Toda a raça em Adão é levada ao fim, e uma nova raça começa em Jesus. 1Coríntios traz Cristo crucificado contra o homem carnal dentro da igreja. 2Coríntios relaciona a cruz com o ministério; este flui de um vaso humilde. Gálatas usa a cruz contra o legalismo no cristianismo. Efésios mostra a cruz levando a igreja às esferas celestiais, fora do tempo e do mundo. Filipenses aplica a cruz para corrigir a desarmonia causada pelo egoísmo. Colossenses mostra a cruz libertando da falsa espiritualidade e misticismo. Em Tessalonicenses, a cruz é a força para sofrimento e inspiração para a volta do Senhor (a cruz é apresentada indiretamente). Em Hebreus, a cruz mostra como tudo é trazido à plenitude. A cruz é a chave para tudo. É ela que torna efetivo o ministério ao mundo. Por isso os apóstolos pregavam Cristo crucificado.

b) A cruz é defesa contra o mundo: Ed 3.3. O espírito do mundo é o grande inimigo da igreja. Satanás deseja inserir o mundo na igreja. Gl 6.14 = quem está crucificado não tem perigo, não há lugar para o mundo. A cruz traz segurança para a igreja. Ela não é apenas uma doutrina, é poder, é um evento em nossas vidas, é uma revolução. A cruz governa tudo.

Títulos do Senhor ressurreto

Em Ap 1.4 temos 3 títulos de Jesus como Senhor ressurreto, exercendo autoridade e julgamento sobre a criação. Sua autoridade é baseada no que já provou ser na encarnação (fiel testemunha), no que se tornou ao triunfar sobre a morte (primogênito dentre os mortos) e no que é em sua exaltação (soberano sobre os reis da terra).

A) Testemunha fiel: Jesus foi a representação da mente de Deus acerca do homem. Ele cumpriu o que Deus havia projetado que o homem fosse. Devemos olhar além do que ele fez e disse, para entendermos a natureza real deste homem. Sua vida pode ser resumida em três aspectos: perfeito amor, perfeita fé e perfeita obediência. 1) O seu perfeito amor transparece no seu relacionamento com o Pai. Nenhuma adversidade ou desapontamento gerava questionamentos ou sombras no seu amor pelo Pai. Amou também os que estavam com ele (Jo 13.1), amou o mundo que o desprezou e assassinou (“Pai, perdoa-os”). 2) A sua vida toda foi de fé. Antes da encarnação, ele tinha tudo o que existia, mas despojou-se disto tudo. Não é tão difícil viver sem algo que nunca se teve, mas quando se teve tudo, é preciso renunciar a tudo por um ministério e depender completamente de Deus em tudo, então isto é fé. 3) Sabemos que em todo o tempo e em tudo, o Filho foi perfeitamente obediente (“não a minha vontade, mas que a tua seja feita”; cf. Fp 2.8).

Jesus foi fiel em seu testemunho do que o homem é, sobre Deus, o pecado, o diabo, etc. Ele é a verdade. Sua autoridade, julgamento e governo se baseiam no fato de que ele é verdadeiro. Ao compararmos com a igreja, vemos que há ausência de autoridade, porque não somos verdadeiros – há incoerência entre o que professamos e o que vivemos. Para sermos testemunhas, temos que ser verdadeiros. Tal como no paraíso, a mentira gera desintegração de toda estrutura. O homem se tornou em falsidade, já não representa corretamente o projeto divino para o homem. É o que concluiu Salomão, após examinar todas as coisas: “tudo é vaidade”, tudo gera desapontamento. O homem pensa que sabe, mas é tolo porque se desviou do Caminho. Todo sistema humano (inclusive o religioso) é permeado de mentiras. Mas Jesus veio para dar testemunho da Verdade (Jo 18.37). O seu juízo começa na igreja, sempre enfatizando a questão da verdade. Precisamos ser verdadeiros para ter poder espiritual, pois o Espírito Santo é chamado de Espírito da verdade (Jo 16.13). Ele vem para destruir em nós tudo o que é mentira e edificar o que é verdadeiro. Foi por ser verdadeiro que Deus levantou a Jesus dentre os mortos, pois não ressuscitaria uma mentira.

B) Primogênito dentre os mortos (Rm 8.29; 1Co 15.20; At 26.23). Tudo começa na ressurreição. Jesus é o primeiro; há também uma sucessão (Is 53.10; Jo 12.24) dos que também receberão tal vida triunfante na qual a morte foi vencida. Estes não apenas possuem tal vida, mas também um caráter distinto, tal como os levitas no AT (Êx 32.26). Eles são a igreja dos primogênitos (Hb 12.22-23), separados da iniquidade e prontos a combatê-la. Jesus, sendo o primogênito, é o protótipo de seus irmãos – todos devem se conformar à sua imagem (Rm 8.29).

C) Soberano sobre os reis da terra (Ap 19.16). Ainda não é de forma literal, mas já espiritual. A longo prazo, ele irá provar a falsidade dos padrões dos reis desta terra. Impérios se levantam e caem na história, mas o domínio pertence a Jesus. Seu governo é sobre as coisas espirituais, sobre o caráter, algo como a verdade. A mentira passa, mas a verdade permanece e prevalecerá no final. O dia está chegando quando ele julgará as nações e lhes dará seu veredito eterno. Todos estarão perante ele (Ap 1.7), nem o tempo nos livrará de estarmos diante dele.

São títulos de ensino aos crentes e de conforto à igreja.

O propósito de Deus e o seu caminho

Livro: God's end and God's way

Ef 1.9-11,22-23 apresenta o eterno propósito de Deus, Cristo como centro deste propósito e a igreja como sua expressão completa. A 1^a lei da plenitude espiritual (que desejamos) é compreender o fato e a natureza do propósito governante de Deus. Deus não está ocupado em muitas coisas, mas concentrado num propósito único que inclui tudo. Como Senhor, deseja que os seus servos também se concentrem neste mesmo propósito, e liberará os seus recursos à medida que este propósito esteja em seus corações.

Seu objetivo é convergir tudo em Cristo. Precisamos ver esta grandeza, majestade e glória. Foi esta visão que tornou a igreja primitiva no que foi. Mas a visão deve ser sempre crescente: o que vemos de Cristo hoje é infinitamente maior e mais maravilhoso do que já foi antes.

O meio de Deus atingir o seu propósito é a igreja. Esta é o agrupamento dos chamados que obedeceram, e difere da igreja visível nas congregações. É um Corpo vivo, que se relaciona com Cristo. Entender o que é a igreja é vital para alcançar a plenitude.

a) A igreja local deve ser em sua localidade tudo o que a igreja toda é.

b) Ela é o campo de treinamento para nos tornar úteis para Deus; é o local de expressão da família de Deus, com todos os seus relacionamentos.

c) O item mais importante na igreja é a liderança soberana e absoluta de Cristo. Por isso no NT não há liderança de um só, mas sim de presbíteros.

d) A formação de igrejas é obra do Espírito Santo e decorre da pregação de Cristo, motivo de nos congregarmos.

e) Tudo o que o Senhor apontou é com vistas à edificação do Corpo, nada pode ser enfatizado à parte disto.

A cruz está profundamente envolvida na questão da plenitude divina. Tudo o que pensamos fazer para obter aceitação de Deus procede do diabo. A morte de Cristo é suficiente e devemos nos conformar a ela (Fp 3.10), crucificando nosso eu.

Poucos são os que se dispõem a cumprir o completo pensamento de Deus, mas estes são os vencedores. Não por eles mesmos, mas por isto neles o Senhor se compraz (como José diferia de seus irmãos).

Tal ministério vem pela prática, pelo tratamento do Senhor em nós ao longo do tempo, usando das adversidades para nos formar para sermos úteis para ele.